

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**

# INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE os autores : Allan Charlls Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa	
Fernanda Telles Márques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta	
Luiz Gilberto Kronbauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz	
Magda Madalena Peruzin Tuma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa	
Samon Noyama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Patricia Helena Mirandola Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista	
Tascieli Feltrin	
Elsbeth Léia Spode Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>250</b>
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>276</b>
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>295</b>
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>302</b>

## (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR

### **Aparecida Silvério Rosa**

Professora Mestre do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, e-mail: tida@unipam.edu.br

### **Fernanda Telles Márques**

Professora Doutora da Universidade de Uberaba – UNIUBE, e-mail: fernanda.marques@uniube.br

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. Trata-se de uma investigação em abordagem qualiquantitativa, realizada por meio de pesquisa bibliográfico-documental e de campo. A pesquisa de campo foi feita no curso de Medicina Veterinária de uma IES privada da cidade de Patos de Minas, e teve como participantes professores e alunos do 2º e do 10º períodos. Para a coleta dos dados, utilizou-se de um questionário misto a um total de 146 discentes e 12 docentes. Os resultados mostraram que, todos os participantes desta pesquisa consideram diversas situações como indisciplinadas. As concepções dos professores, dos alunos iniciantes e dos concluintes relacionam a indisciplina aos comportamentos que se contrapõem às regras, normas preestabelecidas para o bom andamento das atividades escolares. Com a pesquisa, vimos

ainda que indisciplina diz respeito, muito mais, à falta de atenção e concentração na aula e/ou na atividade proposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** processos educacionais; indisciplina; ensino superior.

**ABSTRACT:** The present article aims to comparatively analyze the understandings of students and teachers of a higher education about the issue of indiscipline at that level of education. This is an investigation in a qualitative approach, carried out through bibliographic-documentary and field research. The field research was done in the Veterinary Medicine course of a private HEI in the city of Patos de Minas, and had as participants teachers and students of the 2nd and 10th periods. For the data collection, a mixed questionnaire was used to a total of 146 students and 12 teachers. The results showed that all the participants of this research considered several situations as undisciplined. The conceptions of the teachers, of the beginner students and the concluding ones relate the indiscipline to the behaviors that contradict the rules, pre-established norms for the good progress of the school activities. With the research, we have also seen that indiscipline is related, much more, to the lack of attention and concentration in the class and / or the proposed activity.

**KEYWORDS:** educational processes;

indiscipline; higher education.

## 1 | INTRODUÇÃO

Em discursos docentes sobre sua prática cotidiana, a questão disciplinar tem surgido, com muita frequência, como motivo de preocupação, de sensação de impotência e mesmo de insatisfação profissional. Fala-se cada vez mais em indisciplina, contudo, ainda que esta esteja presente também no ensino superior – e que não raro torne-se pauta de reuniões pedagógicas e de medidas administrativas – no Brasil, pouco se vê produção acadêmica a respeito.

Para refletir sobre a questão, adotamos diversos autores que têm, em comum, algum diálogo com a leitura foucaultiana dos dispositivos disciplinares. Assim, além de Foucault (2004, 2003, 1999) em quem encontramos uma discussão sobre a disciplina enquanto técnica de governo, refletimos sobre os processos de normalização ocorridos na instituição educacional e em Aquino (2009, 2003, 1996) vemos que os conflitos disciplinares que se dão no ambiente universitário guardam íntimas relações com questões sociais do mundo contemporâneo.

O objetivo da pesquisa é analisar comparativamente o entendimento de professores e de estudantes universitários acerca da tensão disciplina/indisciplina no ensino superior. Como os poucos trabalhos sobre o tema a que tivemos acesso referiam-se a ambientes universitários das áreas de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas ou Licenciaturas, buscamos verificar como a questão seria vista e vivenciada pelos partícipes de um ambiente acadêmico que não tivesse as temáticas da disciplina e das relações de poder como parte de seu conteúdo curricular – decorrendo disso a escolha pelo curso de Medicina Veterinária.

Para alcançar o objetivo proposto optamos por uma abordagem quali-quantitativa, assim entendida a partir da perspectiva de Chizzotti (1998). Dessa forma, fizemos uso de um instrumento misto que foi aplicado a um total de 158 sujeitos distribuídos entre alunos ingressantes, alunos concluintes e seus professores. As respostas foram sistematizadas em categorias temáticas e discutidas à luz do referencial teórico.

## 2 | DISCIPLINA ESCOLAR ENQUANTO TÉCNICA DE GOVERNAMENTO

Segundo Aquino (2009) as contribuições de Foucault são essenciais para a análise do disciplinamento, não apenas do ambiente escolar, que emergiu no final do século XVIII e início do século XIX.

O estudioso de Foucault registra que, conforme o filósofo francês, “as instituições disciplinares teriam se constituído em consoantes a procedimentos de controle bastante minuciosos”, dentre eles, destacam-se à “racionalização do espaço, do tempo e dos corpos dos indivíduos sob sua tutela” (AQUINO, 2009, p.58), destacando-se, dentre

eles, a “racionalização do espaço, do tempo e dos corpos dos indivíduos sob sua tutela” (idem).

Para Foucault (1999) a disciplina é uma das ferramentas utilizadas na manutenção do poder. Diferente de outras correntes teóricas que se voltam ao mesmo tema, entende que “esse poder não diz respeito à dominação de uma classe superior sobre uma inferior, mas a um poder que circula entre a população, presente em todos os setores da sociedade” (idem, p. 89). Para o pensador, o século XVIII pode ser caracterizado como o século da pedagogia, pois o assunto marcava a vida social e era interesse de estudiosos, influenciados pelos ideais iluministas e esse interesse expandiu-se para as primeiras décadas do século XIX. Conhecendo o processo de escolarização das massas populares iniciado naquele período, o sistema escolar desenvolveu processos de organização disciplinar, baseado em normas, sanções e registros em regimentos escolares.

O sucesso do que passa, então, a ser considerado como “boa educação” pautava-se, de acordo com Foucault (1999), pelo uso de alguns dispositivos disciplinares, tais como: o olhar hierárquico em que a vigilância era favorecida pela organização; a separação e o distanciamento entre educador e educando; o domínio sobre os movimentos corporais e a produtividade do dominado numa relação de poder. E também pelo exame, que permitia qualificar, classificar e punir.

Assim, observa Foucault (1999, p. 211), o exame, “torna-se, na escola, uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre”, o que será fundamental para que a escola adquira o status de local onde se elabora a pedagogia. E o autor continua afirmando “a era da escola ‘examinatória’ marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência” (idem, p.211). Diante de tais colocações, é importante considerar que, os processos avaliativos constituíram uma das expressões mais evidentes do impacto das técnicas examinatórias neste contexto.

A escola é um importante espaço institucional, no qual o poder disciplinador se faz presente. Também os indivíduos são moldados, docilizados e controlados através do saber que a própria escola produz sobre eles. O pensamento de Foucault nos oferece um conceito interessante, pois ligado à disciplina escolar permite entendê-la enquanto uma forma de governo.

Segundo Aquino e Ribeiro (2009) são processos de governamentalização pedagógico-escolar da atualidade educacional: ensinar aos alunos, discipliná-los, avaliá-los, formá-los homens, discipliná-los, avaliá-los, formá-los homens para assim, torná-los ‘futuros homens’. Na justaposição de repetição com circularidade estariam os principais contornos da governamentalidade escolar. Neste sentido, em contraposição à ideia de que “o poder é o mal”, Foucault (2004a) argumenta que o mal não está no poder, mas na ausência de uma reflexão crítica sobre o emprego de técnicas abusivas. A exemplo, cita o caso da pedagogia escolar, deixando claro que não vê mal algum “na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um

outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas” (idem, p. 285).

Ao identificar mecanismos de poder na sociedade, Foucault (1995) caracteriza o poder disciplinar como autor dos acontecimentos decorrentes de uma atitude padronizada dos homens na modernidade. Segundo ele, vivemos na época dos corpos disciplinados, em que a disciplina produz, para a modelagem e controle dos corpos, ferramentas que vão nortear o processo de construção do poder e normatização das condutas, adotando caracteres para sua aquisição.

### 3 | COTIDIANO DE DOCENTES E DISCENTES

Iniciamos a pesquisa de campo buscando conhecer quais comportamentos seriam assim entendidos por aqueles que estão mais diretamente implicados no processo educacional: professores e alunos, o que seria por eles considerado como indisciplina. Na sequência, levantamos elementos favorecedores da compreensão do quanto estes eventos implicariam, na percepção de cada grupo de sujeitos, em prejuízos ao processo educacional e/ou ao desempenho profissional.

Em uma das questões do instrumento apresentamos uma relação de situações comuns no ambiente escolar: “trocar bilhetinhos ou mensagens durante a aula; conversar enquanto o professor está com a palavra”; “conversar enquanto um colega está com a palavra”; “interromper a fala do professor ou de um colega com questionamento ou colocação pertinente ao assunto”; “interromper a aula com ironia ou sarcasmo dirigido a quem está com a palavra (professor ou colega)”; “permitir que o celular toque durante a aula”; “atender ao telefone celular durante a aula”; “navegar na internet durante a aula, sem que tenha sido solicitado ou autorizado pelo professor”; “utilizar fones de ouvido durante a aula”; “fazer perguntas ou observações que não têm relação com o assunto tratado em aula”; “não dar atenção/ignorar o professor enquanto este se dirige à turma”; “não atender à solicitação do professor quando este chama a atenção da turma ou reclama de indisciplina”. Solicitamos aos participantes que identificassem, dentre estas, as ocorrências por eles consideradas como indisciplina no ensino superior, e também reservamos um espaço para que o aluno ou o professor pudesse inserir alguma outra situação não contemplada no instrumento<sup>1</sup>.

Os resultados chamam a atenção por revelar que o grupo dos professores foi unânime em relação a quatro das 12 situações. 100% dos docentes abordados consideraram que se trata de indisciplina: “atender ao telefone celular durante a aula”; “conversar enquanto o professor está com a palavra”; “interromper a aula com ironia ou sarcasmo dirigido a quem está com a palavra (professor ou colega)”; e, “não atender à solicitação do professor quando este chama a atenção da turma ou reclama de indisciplina”.

1. Apenas um docente acrescentou que outra manifestação de indisciplina não prevista no instrumento seria o trânsito de aluno entrando e saindo da sala no decorrer da aula.

As situações em questão têm um elemento em comum, o aparente enfrentamento da autoridade docente. Em uma delas, em especial, fica ressaltado um caráter de incivilidade, assim considerado a partir de Debarbieux (1996), para quem a transgressão das normas com indelicadeza deliberada assim se configuraria.

Neste sentido, cabe chamar a atenção para o fato de que, em obra posterior, Debarbieux alertou que nas relações educacionais o que tem sido chamado de incivilidade não é algo que possa ser pensado a partir da dicotomia barbárie/civilização, pois a existência de uma atmosfera hostil não depende de falta de educação ou de “civilidade”.

Ainda que não ocorrendo a unanimidade vista no reduzido grupo dos docentes, as respostas dos alunos indicam que, em relação às mesmas situações em questão, eles têm entendimento muito similar ao de seus professores.

Outro dado que merece ser ressaltado é o apontamento de que a maioria dos professores compreendem que “interromper a fala do professor ou de um colega com questionamento ou colocação pertinente ao assunto” e “fazer perguntas ou observações que não têm relação com o assunto tratado em aula” não se configuram como indisciplina. Tal resultado é importante porque deixa claro que o professor não está reputando a participação do aluno como um inconveniente, ainda que esta se dê a partir de uma interrupção. Fazer questionamentos e colocações faz parte da interação durante a exposição da aula. O inconveniente, também para os professores abordados, parece estar na interrupção que traduz uma postura de enfrentamento ou de desconsideração ao processo educacional em curso.

Diferente dos professores, entretanto, os alunos opinaram que a interrupção para questionamentos e observações que não têm relação com a matéria é expressão de indisciplina.

Para checar a hipótese de que muito do conflito em sala de aula decorreria do fato de professores e alunos terem entendimentos distintos não apenas sobre o que é caracterizado como indisciplina, mas também sobre os prejuízos que manifestações assim reconhecidas poderiam ou não vir a causar ao adequado desenvolvimento das aulas, em outra questão apresentamos a mesma relação de situações anteriormente postas e solicitamos aos participantes que indicassem se seriam consideradas por eles como *nada graves*, *pouco graves*, *graves* ou *muito graves*.

Chama a atenção que, para os alunos concluintes, oito das 12 situações apresentadas tenham sido vistas como de maior gravidade do que aos olhos dos alunos iniciantes, o que guarda relação com o fato de que professores de turmas do perfil inicial relatam maiores dificuldades com a indisciplina em sala de aula.

Outro dado significativo é que apenas o grupo dos professores não atribuiu gravidade a duas situações. “Trocar bilhetinhos ou mensagens”, assim como “interromper a fala do professor ou de algum colega com questionamento pertinente ao assunto” não foram condutas consideradas como *graves* pelos professores, mas apenas pelos estudantes. Estes, consideraram como condutas com maior gravidade

“interromper a aula com ironia ou sarcasmo dirigido a quem está com a palavra, seja professor ou aluno, o que também pode ter alguma relação com a questão do *bullying* e/ou do mal-estar nas relações escolares.

Em sentido inverso, “não dar atenção ou ignorar o professor quando este se dirige à turma” e “conversar enquanto o professor está com a palavra” são consideradas condutas *graves* pelos docentes, mas nem tanto pelos discentes. Pelos resultados, acredita-se que a autoridade pedagógica é uma questão desafiadora também para o professor universitário, uma vez que a maioria relatou que os alunos nem sempre dão atenção quando estão com a palavra, isso requer o conhecimento das características de cada turma, para que possa exercer com coerência sua função de educador.

Vasconcelos (2009) e Aquino (1996) estão entre os autores que discutem o conceito de autoridade no exercício docente, o que fazem ponderando sobre o direito ou poder de obedecer, tomar decisões, dar ordens em um contexto em que se deve adotar atitudes que levem o outro a crescer.

A escola é um importante espaço institucional, no qual o poder disciplinador se faz presente. Foucault nos apresenta, um conceito de governamentalidade, pois ligado à disciplina escolar permite entendê-la enquanto uma forma de governo. Assim posto, toda autoridade pedagógica dependeria de um elemento relacional, do estabelecimento de um vínculo respeitoso entre professores e alunos. Vínculo este que era mais fácil de ser obtido em épocas em que os alunos, mesmo que portadores de sentimentos ambivalentes em relação a seus mestres, ainda desejavam ser como seus professores, pois, nas palavras do autor, a imagem do professor ocupava um lugar importante no ideal de Eu do aluno (FOUCAULT, 2008).

Considerando o fato de que a nossa é uma sociedade imersa na cultura digital, a fragilização da autoridade pedagógica se manifesta, sobretudo, quando se coloca em discussão o uso de aparelhos celulares em sala de aula. Na pesquisa constatamos que mais de 85% de todos os participantes associam à indisciplina diversos usos não autorizados de equipamentos celulares, contudo, alguns usos são considerados como mais *graves* que outros. “Permitir que o celular toque durante a aula” é algo visto como mais *grave* pelos alunos concluintes e pelos ingressantes do que pelos professores; “atender ao telefone durante a aula” foi considerado como indisciplina por 100% dos docentes. Em contrapartida, navegar na *internet* sem que isso tenha sido solicitado ou autorizado pelo docente foi considerado como  *muito grave* pela metade dos professores.

Diferente da silenciosa navegação pela *internet*, permitir que o celular toque durante a aula é algo visto como  *mais grave* pelos alunos concluintes e pelos ingressantes do que pelos professores. O dado sugere, mais uma vez, que os estudantes universitários abordados tendem a tratar como indisciplina não necessariamente o que afronta normas ou autoridades institucionais, mas aquilo que pode atrapalhar seu aproveitamento ao tirar sua concentração.

Em outra questão do instrumento, perguntamos aos participantes sobre a

frequência com que ocorriam as situações em discussão. No questionário remetido aos professores foi solicitado que respondessem com base nas turmas por eles consideradas como indisciplinadas, já no questionário remetido aos alunos a solicitação foi que as respostas fossem dadas tendo-se em mente a atual sala de aula.

Ainda movidos pela intenção de conhecer o entendimento dos participantes sobre como se dá a indisciplina em seu cotidiano universitário, em outra questão enfocamos a condução da situação quando esta acontece em sala de aula. Apresentamos aos participantes uma relação de situações solicitando a eles que identificassem se, em seu entendimento, estas ocorreriam *raramente*, às vezes ou *sempre*: “o professor chama a atenção ou dá bronca na turma”; “o professor tenta negociar com a turma”; “o professor chama a atenção diretamente dos alunos envolvidos”; “o professor interrompe a aula e espera que a turma silencie”; “o professor altera o tom de voz ou dá tapas na mesa pedindo atenção”; “o professor interrompe a aula e se retira da sala”; “o professor pede aos alunos envolvidos que se retirem da sala”; “o professor anuncia ou chega a pedir a presença de um representante da coordenação do curso”; “os alunos envolvidos em indisciplina são acompanhados pela coordenação ou recebem alguma advertência”.

A maioria dos alunos iniciantes responderam que *raramente* o professor interrompe a aula e se retira da sala; os alunos mais envolvidos em indisciplina são acompanhados pela coordenação ou recebem alguma advertência e o professor anuncia ou pede a presença de um representante da coordenação do curso. Segundo esses estudantes, às vezes o professor chama a atenção diretamente dos envolvidos ou dá bronca na turma e *sempre* o professor interrompe a aula e espera que a turma silencie e ainda tenta algum tipo de negociação com os alunos. Segundo Aquino (2003), a maioria dos educadores não sabe ao certo como administrar o ato indisciplinado, como geri-lo, já que muitas vezes não é capaz de compreendê-lo em sua complexidade.

Para a elaboração das assertivas foram consideradas as conclusões de Estrela (1994), que registra que as ações habituais no trato com a indisciplina vão desde ignorar o comportamento desviante até chamar a atenção, dirigir questionamentos aos alunos indisciplinados, fazer apelos à boa conduta, lembrar-se da regra que está sendo violada, retirar o estudante da sala de aula.

Para os participantes dos três grupos, professores, alunos ingressantes e alunos concluintes, o que *raramente* acontece é os alunos envolvidos em indisciplina serem depois acompanhados pela coordenação ou mesmo receberem alguma advertência. A este respeito cabe observar que no estatuto da IES investigada (2017, p. 50), em seu artigo 191, é previsto que a pena de advertência é aplicável por “desrespeito a qualquer membro da comunidade acadêmica, por perturbação da ordem no recinto do Centro Universitário”.

### **3.1 Motivação e responsabilidade da indisciplina no ensino superior**

Depois de apresentar e discutir o que os participantes percebem como conduta indisciplinada no ensino superior, o quanto essas condutas ocorrem em seu cotidiano,

que gravidade atribuem a tais comportamentos e como, segundo sua percepção, os professores e a IES lidam com essas situações quando acontecem em sala de aula, buscamos o entendimento dos sujeitos acerca das motivações e responsabilidades pela indisciplina.

Iniciamos procurando verificar se os participantes trazem consigo representações estereotipadas acerca do aluno indisciplinado e do professor em cuja aula a indisciplina se manifesta. Para tal, apresentamos um grupo de assertivas nas quais crenças sociais e estereótipos circulantes foram misturados a elementos encontrados pontualmente nas conclusões de trabalhos científicos sobre indisciplina escolar: “alunos tendem a ser mais indisciplinados que alunas”; “a indisciplina ocorre mais nas aulas dos professores menos experientes”; “a indisciplina ocorre mais em componentes curriculares considerados pelos alunos como secundários”; “alunos muito indisciplinados geralmente têm problemas psicológicos e/ou neurológicos”; “a indisciplina é sobretudo uma questão cultural”. Aos participantes foi solicitado que identificassem se *concordam*, *discordam* ou *concordam parcialmente* do conteúdo de cada frase.

Diferente do que tem sido constatado em estudos sobre a indisciplina no ensino fundamental, os participantes da pesquisa *discordaram* do entendimento de que a indisciplina tenha relações com gênero. A maioria dos docentes e dos universitários *discordaram* também da afirmação de que os alunos são mais tendentes ao comportamento indisciplinado do que as alunas.

*Discordam* ainda que os alunos muito indisciplinados geralmente tenham problemas psicológicos e/ou neurológicos. Entretanto, segundo Oliveira (2005) a questão da indisciplina também pode ter origem advinda de fatores psicológicos ou emocionais que acarretam a falta de atenção e a falta de concentração durante a aula.

Enquanto que, para 38% dos discentes iniciantes, 50% dos concluintes e 58,3% dos docentes, *concordam* que a indisciplina ocorre mais nas aulas dos professores menos experientes. O início de carreira ou a pouca experiência representa, portanto, uma fase crítica em relação às experiências anteriores e os ajustes a serem feitos em função do trabalho e do confronto inicial com a complexa realidade do exercício da profissão docente.

A maioria dos professores *concordam* ainda que a indisciplina ocorre mais em componentes curriculares considerados pelos alunos como secundários. D’Antola (1989, p. 37) diz que “a disciplina só é eficaz quando tem uma meta a atingir, o conhecimento exige disciplina e qualquer saber instiga a disciplina a ser mais rigorosa para poder apreender todas as diferentes nuances”.

Ao identificar mecanismos de poder na sociedade, Foucault caracteriza o poder disciplinar como autor dos acontecimentos decorrentes de uma atitude padronizada dos homens na modernidade. Segundo ele, vivemos na época dos corpos disciplinados, em que a disciplina produz, para a modelagem e controle dos corpos, ferramentas que vão nortear o processo de construção do poder e normatização das condutas,

adotando caracteres para sua aquisição.

A maioria dos participantes - alunos iniciantes, concluintes e professores - *concorda* que os alunos que receberam boa educação familiar tendem a ser menos indisciplinados. A família é de grande importância neste processo educacional e problemas de diversas ordens podem motivar a indisciplina escolar. Esta é a posição de Oliveira (2005, p. 38) para quem “toda indisciplina tem uma causa e que a mesma não é simplesmente uma ação, mas uma reação, e que existem vários fatores determinantes da indisciplina, e um deles é a família”.

Além da questão cujos resultados acabamos de discutir, perguntamos aos participantes como eles distribuiriam as responsabilidades pela indisciplina quando esta acontece no ensino superior. Para isso, apresentamos aos sujeitos uma relação de assertivas contendo: “professor”, “estudante”, “família do aluno”, “cultura ou normas da IES”, “formação cultural brasileira”, ou “sistema econômico”. Em seguida, solicitamos que atribuíssem a cada categoria um conceito: *não é responsável, às vezes tem um pouco de responsabilidade, sempre tem uma parte da responsabilidade ou tem muita responsabilidade*.

Constatamos que assim como os docentes, que atribuíram o conceito *muita responsabilidade* predominantemente aos estudantes (66,7%), também os alunos participantes da pesquisa assim responderam. 71,4% dos concluintes e 66,3% dos iniciantes entendem que os mais responsáveis pela indisciplina são os próprios alunos.

O destaque dado à responsabilidade do estudante pela indisciplina se torna um dado curioso em comparação com os resultados da questão anteriormente discutida. Nela, vimos que os participantes, especialmente os professores, demonstram perceber que a indisciplina é um fenômeno multifatorial, contudo, quando pensam em responsabilização, seu olhar se detém mais diretamente sobre o aluno indisciplinado.

No que se refere quem é o responsável pela indisciplina no Ensino Superior, todos os envolvidos apresentam uma parcela de responsabilidade. A maioria dos participantes iniciantes (66,3%), os concluintes (71,4%) e também os professores (66,7%) considera que o estudante tem *muita responsabilidade*, seguido da família do aluno, que *sempre tem uma parte da responsabilidade* e na visão dos docentes, o sistema econômico também tem *uma parte da responsabilidade*.

Vale ressaltar que, pelos dados apresentados, a questão da indisciplina não é da competência apenas do estudante, professor, mas da família também e de outros elementos inseridos na sociedade. Como visto, são várias as causas que contribuem para a instalação de problemas referentes à indisciplina, como fatores sociais, culturais, políticos e da personalidade dos próprios professores e dos alunos. Alguns empecilhos podem estar relacionados ao despreparo dos alunos que adentram cada vez mais cedo no ensino superior e, muitas vezes apresentam certa dificuldade em lidar com situações totalmente novas em suas vidas, e outros do despreparo dos professores em liderar, envolver e contornar esses problemas.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, cujo objetivo foi analisar comparativamente o entendimento de professores universitários e de estudantes de um curso de Medicina Veterinária acerca da tensão disciplina/indisciplina. A questão da indisciplina tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano educacional e vem se tornando um desafio para professores e gestores que nem sempre sabem o que fazer para impedir ou minimizar estes conflitos presentes desde a educação infantil até o nível superior, nas instituições de ensino públicas ou privadas e que se manifestam nas relações dos alunos entre si e dos alunos com os professores (AQUINO, 1996; VASCONCELLOS, 2015).

No que diz respeito ao conceito de disciplina, trabalhamos com uma perspectiva sócio-histórica, a partir da qual entende-se a disciplina e seu contraponto, a indisciplina como um comportamento social localizado no tempo e no espaço. Dito de outra forma, o que pode ser considerado indisciplina tanto varia ao longo de tempo, dentro de uma mesma sociedade, quanto varia de uma sociedade para outra e de um grupo para outro.

Por outro lado, compreendemos que o padrão aceito de comportamento escolar disciplinado, dentro da sociedade ocidental, foi forjado também historicamente, entre os séculos XVIII e XIX, conforme observou Michel Foucault (1999).

Todos os participantes da pesquisa consideram uma gama de situações como indisciplinadas, em que das 12 assertivas apresentadas, quatro delas são vistas como indisciplina no ensino superior. No contexto geral, as concepções dos professores, dos alunos iniciantes e dos concluintes remetem às apresentadas em Estrela (1994), La Taille (1996) e Aquino (1996), que relacionam a indisciplina aos comportamentos que se contrapõem às regras, normas preestabelecidas para o bom andamento das atividades escolares. Em contraposição, a disciplina é compreendida como bom comportamento e obediência às regras.

Consideramos que, diante de um mundo marcado pela tecnologia, dentro do qual o acesso à informação está, literalmente, ao alcance das mãos, nenhum dos sujeitos envolvidos na pesquisa consegue responder com efetividade às urgências do novo tempo. Como o acesso à web se dá, via de regra, através dos celulares, o comportamento é entendido por inadequado por todos, alunos e professores. Chama a atenção o fato de aparecerem nos três grupos envolvidos, como estratégia para diminuir a indisciplina no curso de Medicina Veterinária da IES, sugestão de *proibição do uso de celulares em sala de aula*.

Por certo, a questão da indisciplina escolar, no ensino superior, é resultante de uma complexa trama tecida na relação ensino-aprendizagem, dentro de determinado contexto sócio cultural e temporal. Hoje, na contemporaneidade, atravessamos um momento interessante de transição no qual a pedagogia tradicionalista dá seus últimos suspiros, mas também adverte, através dos próprios alunos, a necessidade de *“professores mais rígidos”*.

Da mesma forma, ainda que professores e alunos reconheçam seu quinhão de responsabilidade na via de mão dupla dos comportamentos vistos como indisciplinados, também as instâncias pedagógicas da IES são chamadas a participar do processo de transformação da indisciplina em disciplina.

Encerramos esta pesquisa acreditando que a indisciplina no curso de Medicina Veterinária da IES pesquisada pode ser traduzida como falta de foco, de concentração e de desatenção. Acreditamos, também, que é possível a sua superação, reinventando a docência e, conseqüentemente, as próprias formas de ensinar, aprender e se relacionar. Porém, a sua superação requer um esforço conjunto e efetivo de transformação, do qual fazem parte *todos os sujeitos*: alunos, professores e IES.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina**: o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **Docência, Poder e Liberdade**: Dos processos de governamentalização à potência de existir nas escolas. 2009. 216 f. Tese de Livre Docência. Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação. Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-19032013-093316/pt-br.php>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 664-692, set. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742016000300664&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000300664&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 de set. 2017.

AQUINO, J. G.; RIBEIRO, C. Processo de governamentalização e a atualidade educativa: a liberdade como eixo problematizador. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 58-71, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/8202/5530>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

D'ANTOLA, A. (Org.) **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: E.P.U. 1989.

DEBARBIEUX, E. *La Violence en milieu scolaire* (vol. 2 - Le désordre des choses). Paris: ESF, 1999.

ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto, 1994.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

IES. Instituição de Ensino Superior. **Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária**. Patos de Minas, 2016. 503 p.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da IES.** Aprovado pela Res. CON/IES nº409, de 30 de dezembro de 2013. Alterado pela Res. CON/IES nº424, de 16 de junho de 2014. Alterado pela Res. CON/IES nº434, de 11 de maio de 2015. Alterado pela Portaria Reitoria nº 2051, de 20 de maio de 2016, referendada pela Res. CON/IES nº 453, de 20 de dezembro de 2016. Alterado pela Res. CON/IES nº463, de 03 de maio de 2017. Patos de Minas/MG, 2017. 55 p.

OLIVEIRA, M. I. **A indisciplina escolar:** determinações, conseqüências e ações. Brasília: Líber Livro, 2005.y

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina e disciplina escolar:** fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-381-1

